

A arte como linguagem social e elemento de identificação cultural

Rui Dilão

Instituto Superior Técnico

A arte como linguagem social e elemento de identificação cultural

Nas várias manifestações artísticas que nos chegaram da antiguidade e da pré-história, é fácil distinguir sinais distintivos de cada cultura. A arte azteca, a arte chinesa ou a arte egípcia são prova disso. Todas mostram sinais característicos que nos permitem distingui-las como manifestações artísticas de culturas diferentes, figura 1.

As representações artísticas das civilizações primitivas transmitiam uma mensagem de identificação social entre os indivíduos de uma mesma comunidade, sendo plausível pensar que a arte assumiu uma função de linguagem social e de elemento de identificação cultural.

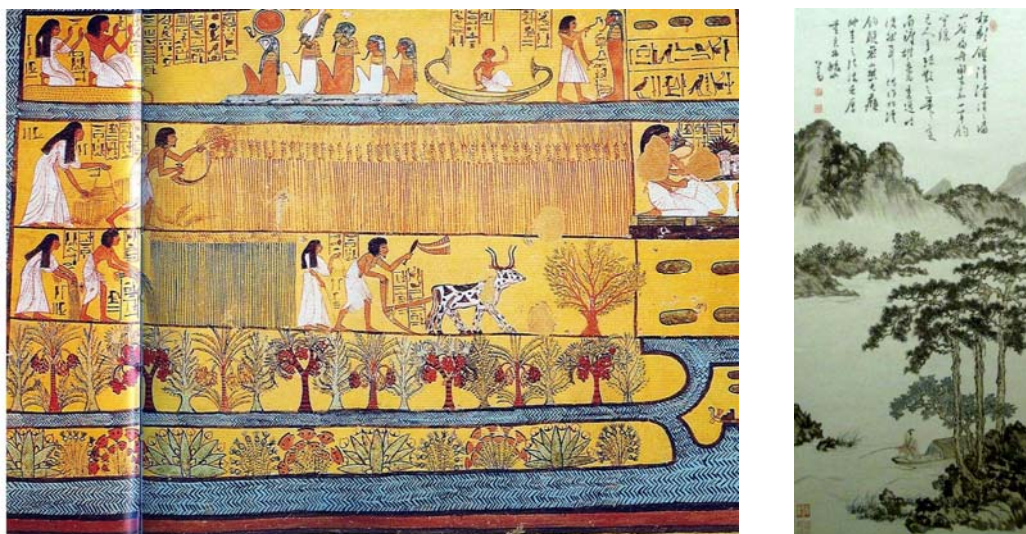


Figura 1: Exemplos de arte egípcia e de arte chinesa. Em ambos os casos, o desenho aparece misturado com símbolos caligráficos, sugerindo uma relação de proximidade entre a arte e a caligrafia.

As representações artísticas, na forma de motivos decorativos ou de descrições pictóricas do quotidiano, antecedem os registos escritos. A arte egípcia e a arte chinesa sugerem uma continuidade entre a arte pictórica e os símbolos da linguagem escrita, fortalecendo a tese de que a arte faz parte da linguagem humana.

Nas civilizações da antiguidade, embora a arte e a ciência apareçam como actividades secundárias quando comparadas com o esforço de sobrevivência, a sua importância parece ter sido determinante no estabelecimento da identidade humana.

A ciência, as mitologias e as crenças religiosas são subsequentes relativamente à linguagem e, nos registos escritos mais antigos, aparecem misturadas com a interrogação filosófica.

O renascimento, a multidisciplinaridade e a fusão da arte com a ciência

O renascimento surge na sequência de várias experiências de síntese filosófica, enquadradas numa organização social centrada na cidade. Simultaneamente com o fortalecimento do papel da cidade na organização social e o consequente crescimento demográfico, foi no renascimento que apareceu a ciência como conhecimento estruturado e verdadeiro, independente da opinião dos indivíduos. Foi no renascimento que o desenho, a pintura, a arquitectura e a escultura ganharam uma nova dimensão.

Um dos acontecimentos marcantes do renascimento foi a descoberta da dimensão multidisciplinar das várias actividades humanas. A filosofia entrou de maneira determinante na política (Maquiavel) e a arte e a ciência entrosaram-se (Leonardo).

Não é possível atribuir directamente a indivíduos específicos a causa de transformações sociais ou de movimentos históricos que ocorreram numa determinada época. No entanto, é possível escolher autores cujas obras foram e são o emblema de uma época. No caso do renascimento, foram cerca de 100 anos de profundas transformações, marcadas pelos trabalhos únicos de Leonardo da Vinci (1452-1519), Albrecht Dürer (1471-1528) e, porventura, do flamengo André Vesalius (1514-1564). O que fizeram e os métodos que desenvolveram e exploraram marcaram a ciência e a arte das gerações vindouras.

Os conceitos de perspectiva e proporção, desenvolvidos durante o renascimento, permitiram fazer uma representação muito realista do mundo que nos rodeia. Um dos homens mais influentes neste período foi Leonardo da Vinci (1452-1519), arquitecto, escultor, homem de ciência, inventor e perfeccionista do desenho e da pintura.

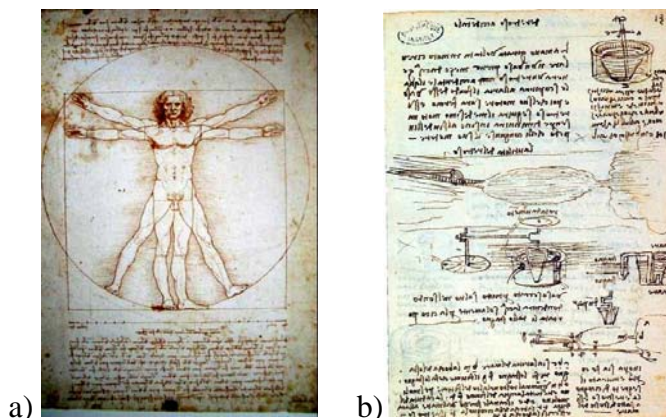


Figura 2: Leonardo da Vinci. a) O homem de Vitróvio é um dos estudos de Leonardo da Vinci sobre as proporções na figura humana. É uma reformulação do desenho de Marcus Vitruvius, arquitecto romano, autor do livro *De Architectura* (27 a. C.), um dos primeiros manuais utilizados pelos arquitectos do império romano. b) Página do caderno de notas de Leonardo da Vinci: o desenho como forma de descrição de fenómenos naturais.

A actividade de Leonardo da Vinci é um esforço de harmonização entre a arte e a ciência, tanto na descrição de fenómenos naturais como na descrição das atitudes humanas, completando-se mutuamente. Leonardo foi determinante na arte do seu tempo, lançou as bases da perspectiva e da arte de bem desenhar.

Em Leonardo, o espírito científico e o olhar sobre a natureza passaram pela arte do desenho e pela representação, o mais fiel possível, da figura humana, figura 2a. O olhar persistente e analítico sobre os seres vivos e os fenómenos naturais despertaram uma descrição pormenorizada das coisas, sugerindo, de uma maneira simples e prática, que o desenho e a pintura poderiam fornecer métodos eficientes de descrição de fenómenos, figura 2b.

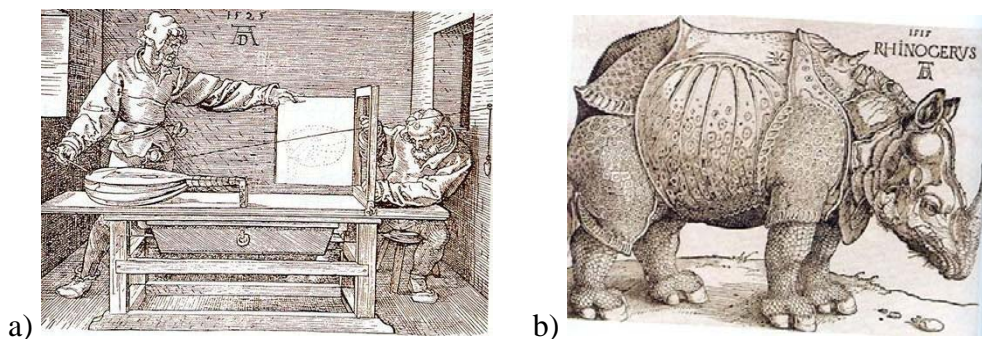


Figura 3: Albrecht Dürer. a) O desenhador de alaúdes, 1525, gravura sobre madeira. As coordenadas da imagem plana do alaúde são determinadas pela posição de dois fios, um vertical e outro horizontal, presos à moldura de madeira. b) Rinoceronte, 1515, gravura sobre madeira, 23,5x29,5 cm.

Albrecht Dürer (1471-1528) dedicou boa parte da sua vida a teorizar sobre a perspectiva e a arte de desenhar. Em 1519, escreveu o tratado das proporções em quatro livros que, depois de publicados em 1528, se tornaram numa das suas obras de referência. Ficou famoso o seu aparelho de desenhar, figura 3a, assim como os seus estudos sobre o corpo humano. Uma das suas obras de referência é o desenho do rinoceronte enviado por D. Manuel I ao pápa Leão X, figura 3b. Infelizmente, o animal afogou-se na baía de Génova. Outras das suas obras carismáticas são o estudo de uma cabeça, um desenho multifacetado que faz lembrar o movimento cubista do início do século XX, e Melancolia I, uma das suas obras mais enigmáticas, figura 4.

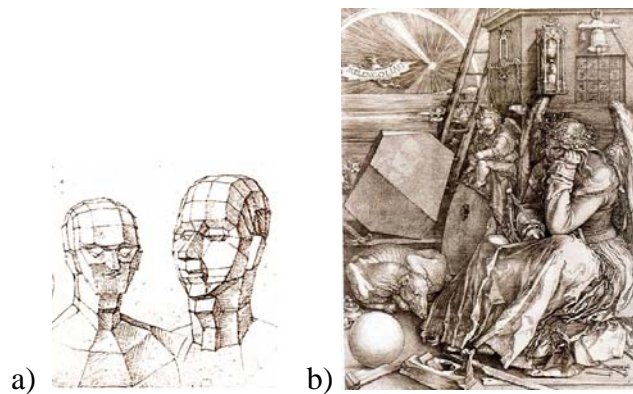


Figura 4: Albrecht Dürer. a) Estudo de uma cabeça (tratado das proporções), 1519. b) Melancolia I, 1514, gravura sobre cobre, 23,8x18,9 cm.

A gravura de Dürer, O desenhador de alaúdes, sugere que alguns dos trabalhos dos mestres da renascença, do barroco e do maneirismo foram realizados recorrendo a auxiliares ópticos. Sabe-se hoje que Jan van Eyck (1395-1441), Caravaggio (1571-1610) e Ingres (1780-1867), entre outros, usaram dispositivos de projecção óptica em muitos dos seus trabalhos.

Com os desenvolvimentos do desenho, da perspectiva e do estudo das proporções, aparecem naturalmente os primeiros estudos anatómicos. Mais uma vez, foi Leonardo da Vinci quem iniciou estes estudos. Contudo, a descrição exaustiva da anatomia humana é levada a cabo por André Vesalius (1514-1564). Os seus desenhos anatómicos são perfeitos do ponto de vista técnico, tendo como objectivo a descrição pormenorizada da anatomia humana, figura 5. André Vesalius foi o primeiro anatomista e trouxe de forma sistemática o desenho e a arte para o domínio da ciência.



Figura 5: André Vesalius, De humani corporis fabrica libri septem, 1543.

Em meados do século XVI, as relações entre a arte e a ciência estavam estabelecidas e a técnica da perspectiva dominada. Com a invenção da impressão por Gutenberg (1398-1468) no século XV (1455), as perguntas levantadas por alguns foram transcritas em livros e divulgadas para audiências cada vez maiores. A ciência e a arte começaram a ser acessíveis a um número cada vez maior de pessoas e usaram-se métodos e técnicas comuns. Os exemplos de vida de homens como Leonardo, Dürer ou Vesalius proliferaram e o espírito da multidisciplinaridade expandiu-se. Por exemplo, os elementos decorativos do quadro Os Embaixadores de Hans Holbein (1497-1543) são instrumentos para a determinação da latitude, um relógio de sol, um globo terrestre, um alaúde e vários livros, figura 6.



Figura 6: Hans Holbein, o Jovem. a) Os Embaixadores, 1533. b) Pormenor do globo terrestre. A representação que se vê da costa africana é, do ponto de vista da latitude, de uma precisão espantosa.

A abordagem multidisciplinar do conhecimento universal manteve-se até ao fim do século XIX. Do século XVI ao XIX, a arte e a ciência fizeram parte da linguagem básica dos sábios da época e a multidisciplinaridade era um símbolo de sabedoria e do conhecimento universal. Um caso interessante está manifesto no quadro pintado pelo poeta, pintor e gravador William Blake (1757-1827), retratando Newton a desenhar as órbitas dos planetas, figura 7.

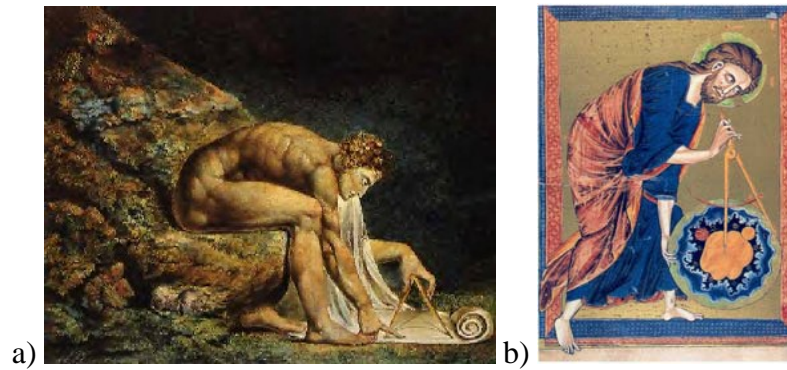


Figura 7: a) William Blake, Newton, 1795. b) Desenho da Bíblia Moralisada (*bíblia rica*) de Luís IX, Deus desenha o mundo com um compasso, 1250. A semelhança temática entre as duas obras é impressionante. A ideia expressa no desenho pré-renascentista b) sugere o início de uma mudança de atitude do homem face à criação e ao divino. Em b) o arquitecto do universo tem dimensão divina, em a) tem dimensão humana.

Na transição para o século XX, como consequência do desenvolvimento acelerado da física e da matemática, despoletado pela revolução industrial, as relações entre a arte e a ciência mudaram. No século XX deixou de fazer sentido falar de sábios e de conhecimento universal. Começou a ser mais difícil encontrar o cientista-artista ou o artista-cientista. No entanto, como a ciência começou a fazer parte integrante do quotidiano e do nosso imaginário, os assuntos científicos tornaram-se naturalmente em temas de representação artística.

O século vinte: o pós-modernismo, a arte de apropriação e a arte-ciência

É no século XX, e em particular a seguir à II Guerra Mundial, que a ciência assume um papel central no desenvolvimento da sociedade moderna. O desenvolvimento científico contribuiu directamente para o aumento do bem-estar pessoal e social dos indivíduos e a longevidade das pessoas aumentou. Os factores de sobrevivência passaram a ser secundários. A ciência passou a ter um papel central na sociedade e passou a estar presente no dia-a-dia.

Na arte, durante a transição para o século XX, surgiram as experiências impressionistas, simbolistas e abstracionistas e, em termos genéricos, iniciou-se o período da modernidade ou modernismo. Uma das características do modernismo é o aparecimento do abstracionismo. Esta tendência desenvolve-se na pintura, na escultura, na poesia, na literatura e na música. O modernismo tem expressão própria até ao fim da segunda guerra mundial.

Com o fim da segunda guerra mundial, os desenvolvimentos tecnológicos e científicos invadem o nosso dia-a-dia; os meios de comunicação (radio e televisão) expandem-se; a formação universitária atinge cada vez mais pessoas; a filosofia e a teoria da linguagem têm novos desenvolvimentos e assistimos a um período de auto-reflexividade da acção humana. Com o fim da segunda guerra mundial entrámos no período pós-modernista.

A ciência está em tudo, está no nosso quotidiano, está nas nossas palavras e conceitos. O artista usa a descoberta científica como fonte de inspiração, de criação de novas realidades, de criação de novos mundos e representações da realidade. O artista apropria-se da ciência e nasce a arte-ciência. A arte favorece a nossa coesão como organismo social, cria imagens do desenvolvimento científico e actua como força da ligação social entre os indivíduos.

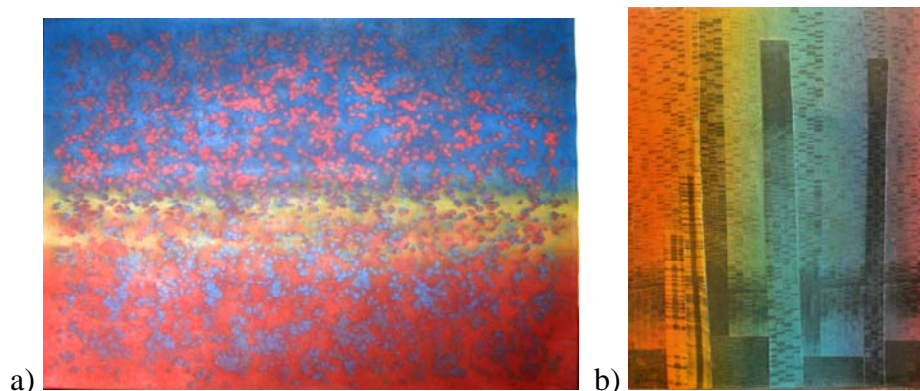


Figura 8: Patrícia Noronha. a) Série universos – sem título, 70x100 cm, 2001. b) Colagem sobre tela, série ADN – sem título, 30x24 cm, 2001.

A pintura da Patrícia Noronha é um exemplo de arte-ciência. Na série universos, figura 8a, Patrícia Noronha leva-nos para um mundo de estrelas e poeiras cósmicas, de cor e alegria. É uma imagem positiva e pictórica do mundo abstracto da astrofísica, dos testes laboratoriais e dos cálculos computacionais.

Com os desenvolvimentos da genética médica e da biologia molecular, o nosso mundo passou a estar povoado por conceitos novos como vírus, testes de ADN, sequenciação genética, etc.. Estes conceitos passam do laboratório para a tela, num acto puro de comunicação, figura 8b. O artista apropria-se destes conceitos e transforma-os em artefactos.

Assim, a arte-ciência desempenha uma função de linguagem social, contribuindo para a auto-reflexão na nossa sociedade pós-moderna.

Lisboa, 23 de Março de 2006